

O CRONOTOPO COMO ARTICULADOR DE JORNADAS INACABADAS: young adult e refração de identidades juvenis na literatura fânone

9

THE CHRONOTOPE AS ARTICULATOR OF UNFINISHED JOURNEYS: young adult and refraction of youth identities in fanon literature

SILVA, Juan dos Santos

Doutorando em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPGEL) da Universidade Federal do Rio Grand do Norte (UFRN)

Professor Substituto do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) E-mail: juanfflorenco@gmail.com

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-9075-8071>

CASADO ALVES, Maria da Penha

Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo Professora Associada da área de Língua Portuguesa do Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

E-mail: penhalves@msn.com

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-1762-5210>

RESUMO

Este trabalho se propõe a investigar a influência da concepção da categoria cronotopo (BAKHTIN, 2018) para a formação identitária dos personagens no gênero *Young Adult* e como ela dialoga com a construção identitária de seus sujeitos leitores. Considera-se obras desse tipo como parte de um grupo denominado fânone, no qual reúnem-se obras de alto consumo por fãs dessas narrativas, os quais alargam a noção da leitura como prática solitária. Construimos nosso debate a partir dos pressupostos teóricos de Bakhtin e do Círculo, seguindo uma orientação metodológica sócio-histórico-dialógica, uma vez que tal abordagem nos permite entender essa literatura como situada e responsiva ao espaço/tempo que se materializa. Além disso, juntam-se ao arcabouço teórico Jenkins (2015), Dayrell (2003) e Campbell (2007) para dar conta, respectivamente, das questões referentes a literatura de fã, juventude e jornada do herói. A partir dessas teorias, evidenciou-se a partir da obra *Simon vs. a agenda homo sapiens* (ALBERTALLI, 2016) a jornada do herói seguida pelo protagonista e como sua concepção tradicional baseada nos

mitos gregos apresenta lacunas ao representar sujeitos juvenis da contemporaneidade. Ao final, percebeu-se que a literatura *Young Adult* reflete e refrata a realidade de sujeitos juvenis por meio de suas narrativas e a teoria em torno da noção de cronotopo justifica a materialização de identidades na literatura que, assim como no mundo da vida, são inacabadas e continuamente expostas à metamorfoses.

Palavras-chave: Cronotopo; formação identitária; Young Adult; Fânone; jornada do herói.

ABSTRACT

This work proposes to investigate the influence of the conception of the chronotope category (BAKHTIN, 2018) for the identity formation of characters in the Young Adult genre and how it dialogues with the identity construction of its readers. Works of this type are considered as part of a group called fanon, in which works of high consumption by fans of these narratives are gathered, which broaden the notion of reading as a solitary practice. We built our debate from the theoretical assumptions of Bakhtin and the Circle, following a socio-historical-dialogical methodological orientation, since such an approach allows us to understand this literature as situated and responsive to the space/time that materializes. In addition, Jenkins (2015), Dayrell (2003) and Campbell (2007) join the theoretical framework to address, respectively, issues related to fan literature, youth and the hero's journey. From these theories, it was evidenced from the work *Simon vs. the homo sapiens agenda* (ALBERTALLI, 2016) the hero's journey followed by the protagonist and how its traditional conception based on Greek myths has gaps when representing contemporary youth subjects. In the end, it was noticed that Young Adult literature reflects and refracts the reality of juvenile subjects through their narratives and the theory around the notion of chronotope justifies the materialization of identities in literature that, as well as in the world of life, are unfinished and continually exposed to metamorphosis.

Keywords: Chronotope; identity formation; Young Adult; Fanon; hero's Journey.

INTRODUÇÃO

A literatura direcionada para o público juvenil no Brasil tem ganhado muita importância pelo seu alto índice de leitores, com evidenciado pelas edições da pesquisa Retratos de Leitura no

Brasil¹, e, sobretudo, pelo seu alto potencial de formação de leitores no país e no mundo. Em geral, as obras responsáveis por esses altos índices de leitura não estão na seleção de obras reconhecidas pelos ambientes institucionais como literatura boa ou “de peso”, adjetivos usados para definir os livros que compõem o cânone literário. Na realidade, essas obras são chamadas de literatura de massa/entretenimento de forma pejorativa para evidenciar uma suposta inferioridade.

Nos últimos anos, muitas dessas narrativas juvenis têm apresentado sujeitos jovens que performam identidades com aparição até então tímidas nesse tipo de trama. Entre essas identidades estão aquelas que compõem a comunidade LGBTQIA+, as quais ganham nessas tramas bastante protagonismo e a chance de, por meio de personagens ficcionais, revelar desdobramentos e questões sociais enfrentadas por esses sujeitos, bem como tecer diálogos com os leitores, os quais, muitas vezes, reconhecem-se nessas performances desses personagens ficcionais e iniciam um processo de acabamento com esse outro que habita o mundo artístico.

Assim, este trabalho se ampara na ADD (Análise Dialógica do Discurso), em que a base teórica advinda de Bakhtin e o Círculo demonstra preocupação em estudar as práticas discursivas dos sujeitos de forma a prezar pela singularidade dessas e do espaço e tempo que ocupam. Logo, justamente a partir dessa preocupação com o espaço/tempo, nos interessa na teoria bakhtiniana explorar o conceito de cronotopo, objetivando entender sua influência para a construção e performance da identidade e como esse fenômeno afeta as multifacetadas formas de se construir “possibilidades de ser” na arte, especialmente na literatura. A título de exemplificação, utilizaremos aqui a obra *Simon vs. a agenda homo sapiens* (2015), da autora Becky Albertalli, como forma de visualizar o acabamento dado por essa categoria ao construir, na contemporaneidade, um romance que versa sobre uma jornada de auto-descoberta da homoafetividade na juventude.

¹ Organizada pelo Instituto Pro-Livro, a pesquisa tem por objetivo avaliar o comportamento leitor do brasileiro. Seus resultados são amplamente divulgados e se tornou referência quando se trata de índices e hábitos de leitura dos brasileiros. A partir da segunda edição da pesquisa, começou a se perguntar qual livro marcou a vida dos entrevistados ou qual tinha sido a última ou atual leitura. Entre as respostas, obras como *Harry Potter* (2000), *Crepúsculo* (2008) e *Jogos Vorazes* (2008) foram constantemente citados. Na penúltima edição, em 2015, o auge de citações é *A culpa é das estrelas* (2013), que figurou como segundo livro que mais marcou os leitores da época, ficando atrás apenas da Bíblia.

O ESPAÇO E O TEMPO NA LITERATURA DE FÃS

Sem intimidar-se com as concepções tradicionais de propriedade literária e intelectual, os fãs saqueiam a cultura de massas, reclamando seus materiais para uso próprio, fãs parecem borrar as fronteiras entre fato e ficção, falando de personagens como se tivessem uma existência à parte de suas manifestações textuais, adentrando o reino da ficção como se fosse um lugar tangível que podem habitar e explorar. A cultura do fã posiciona-se como desafio aberto à 'naturalidade' e desejabilidade das hierarquias culturais dominantes, uma recusa à autoridade autoral e violação da propriedade intelectual. (JENKINS, 2015, p. 37).

Ao compreender um novo agrupamento de leitores que se forma no século XXI como fãs, entende-se que esses sujeitos realizam um papel de leitor muito mais ativo e propenso a levar a sua leitura para momentos que transcendem a solidão dessa. Ou seja, esses leitores não leem apenas pelo entretenimento, mas porque a leitura dessas obras que tanto cultuam representa algo a mais para eles, falam algo sobre suas identidades e oferecem um mundo fictício que os faz tecer paralelos muito fortes com o mundo em que vivem. Contrariando previsões pessimistas de que a leitura literária se tornaria obsoleta em decorrência do aparecimento do rádio, da televisão, do cinema e, mais recentemente, de outros avanços como a internet e o streaming, a literatura tem evidenciado que não marchou ao encontro de sua morte, mas para um caminho de mutações que fazem com que, mesmo em um cenário altamente tecnológico, ela preserve seu lugar.

Acerca disso, Perrone-Moysés (2016) tece apontamentos sobre uma literatura em processo de mutação, ou seja, uma literatura contemporânea que, para ser entendida em sua completude, precisa que se leve em consideração o contexto social em que está situada e, logicamente, esse tempo repleto de mutações² que a atravessa. Isso implica dizer que, na contemporaneidade, é importante compreender que "a arte encontra seus 'novos fenômenos' na vida social. Em função das mudanças de costumes ou de técnicas, pode ocorrer uma 'literalização' da vida social" (PERRONE-MOYSÉS, 2016, p. 28). Logo, é evidente que ao se debruçar sobre as produções literárias contemporâneas, é fundamental compreender o processo de mutação pelo qual passa o mundo diante dos desdobramentos do avanço da globalização e do

² Na atualidade, essas mutações são materializadas pelo próprio processo tecnológico que, por meio de aparelhos e inovações, propõem aos sujeitos novas formas de interação, de agrupamento e de diálogo com o mundo.

constante aumento de inovações tecnológicas. Ao contrário da literatura vista até o século XX, demasiadamente hermética e fechada em si mesma (PERRONE-MOYSÉS, 2016), a literatura que se faz hoje envolve uma multiplicidade de sujeitos, de identidades e de valores que, no mundo social, estão diante de diversos embates. Assim, o conteúdo da obra de arte assume uma vertente tão relevante quanto a sua forma, afinal, a voz representada pelo conteúdo é tão importante quando a forma com a qual o autor estrutura seu aparecimento.

A globalização e a circulação mais rápida dos grupos humanos e das informações abriram os olhos dos pensadores para o abuso universalista das culturas ocidentais hegemônicas, que tinha usado, até então, as palavras “homem”, “cultura” e “arte” de modo logocêntrico. Os estudos literários perderam então sua frágil especificidade baseada em valores considerados etnocêntricos, e as obras passaram a ser avaliadas e estudadas em função de seus temas. Os movimentos sociais e geopolíticos, difundidos e apoiados nos meios de comunicação de massa, levaram à valorização de obras dedicadas a causas específicas de grupos anteriormente menosprezados: mulheres, negros, colonizados, homossexuais etc. A palavra “cultura” tomou então sentidos cada vez mais restritos, dando origem aos estudos culturais. E as obras literárias começaram a ser estudadas em função de causas politicamente corretas. (PERRONE-MOYSÉS, 2016, p. 10-11)

Em consonância com a teórica, é notável que o processo de mutação cultural engendra, conseqüentemente, um processo de mutação literária, no qual novas formas de escrever e sobre o que escrever brotam no solo fértil da arte. A questão da identidade tem sido um ponto de amplo debate na atualidade em virtude da atividade constante de diversos grupos sociais, como o movimento LGBTQIA+, os movimentos negros, feministas e diversos outros, que têm lutado por equidade social e por representatividade. Esses grupos foram apagados ao longo da história não só do corpo social, mas também das artes, dificultando a construção do imaginário de normalidade em torno dos membros desses grupos e tornando suas existências estigmatizadas. Assim, nessa literatura composta de mutações, muitas narrativas, em diversas gradações, materializam muitos desses corpos estigmatizados socialmente.

Nessa linha de raciocínio, é importante perceber o porquê de

obras que retratam essas temáticas serem tão atrativas ao público juvenil, o que está diretamente relacionado com o período de grande empenho na descoberta e construção de si. Assim, enquanto sujeito social (DAYRELL, 2003), que não está no mundo apenas como ser passivo, mas que atua e age sobre ele, os jovens encontram nas páginas dos livros mais do que meras aventuras, mas encontros de sujeitos, identidades e conflitos que estão em seus próprios cotidianos e, por meio da arte, conseguem compreender melhor o mundo ao seu redor e, inclusive, a si mesmos. No entanto, esse processo de construção de si e do mundo nem sempre acontece de forma harmônica, sobretudo quando essa construção encontra o caminho das identidades já mencionadas no parágrafo anterior, as quais não são muito bem vistas, de forma geral, pela sociedade. Os embates entre esses sujeitos de identidades destoantes e o mundo que tenta normatizá-los e enquadrá-los em padrões pré-estabelecidos é materializado no conteúdo e forma do gênero *Young Adult*.

Popularizado pela obra *A culpa é das estrelas* (GREEN, 2013), o gênero reúne narrativas que acompanham um processo de amadurecimento de determinados jovens em torno de alguma questão problemática em torno de suas identidades. Ou seja, os protagonistas da trama, adolescentes em sua maioria, possuem algum empecilho relacionado à construção de suas identidades por estarem associadas a aspectos como suas condições sexuais, de gênero, de raça ou de saúde que são vistas de forma inferior pelo seu entorno. Por exemplo, Hazel, protagonista de *A culpa é das estrelas*, enfrenta um câncer no pulmão que limita muitas das suas ações enquanto adolescente. Para ela, o câncer a define mais do que qualquer coisa. Tudo isso muda quando ela conhece Gus, um sobrevivente do câncer que desafia muito do que a protagonista pensa sobre si. Acontece um romance entre os dois e, ao longo da trama, Hazel vai se conhecendo melhor e construindo uma nova visão de si e dos outros.

Enquanto em outras séries de sucesso como Harry Potter, Crepúsculo e Jogos Vorazes as questões identitárias relacionadas a essas pulsões da juventude eram coadjuvantes, temos no *Young Adult*³ essas questões como protagonistas. O interesse do gênero é exatamente observar como os heróis lidam com essas questões, que não estão fora do protagonista, mas entranhadas neles. Enquanto algumas tramas aproveitam a fantasia ou a distopia para levar o leitor em uma narrativa

³ O *Young Adult* é “a jornada do jovem nascido em tempos líquidos – por vezes, mais privilegiado e, por vezes, menos – em seu processo de tomada de consciência de si, dos outros e do mundo ao seu redor. Enquanto a busca identitária do jovem burguês era representada no Bildungsroman, o jovem do *Young Adult* tem relatado a busca do seu lugar em uma sociedade que tenta multilá-lo para que se encaixe socialmente” (SILVA, 2020, p. 107).

de aventura por mundo ficcionais (PAES, 1987), no *Young Adult* a aventura é muito mais interna do que externa, afinal de contas, na luta do herói, os monstros e magias das trevas se metamorfoseiam em discursos de opressão e de não aceitação do diferente, enquanto sistemas distópicos e opressores viram o sistema cotidiano que, embora pareça inocente, massacra aquilo que anda fora dos padrões pré-determinados.

A partir dessa apresentação, é visível que, dentre as diversas formas de produção literária nesse contexto das mutações, o *Young Adult* não só conseguiu alcançar um número grande de leitores, como também ditou muito do que se produzia, como se produzia e qual estrutura seguir em sua respectiva época, o que é evidenciado pela gama de produções do gênero que vem sendo produzida no Brasil e no mundo (SILVA, 2020). Essas obras além de colecionarem uma legião de fãs, formaram diversos leitores ao redor do mundo. Tratá-las como mero entretenimento ou como mera produção massificada, é ignorar todos os seus efeitos e feitos discursivos. É por isso que adotamos aqui para essas literaturas o termo fânone, exatamente uma fusão dos termos fã e cânone. Ao contrário da literatura de massa que tenta criar enlatados que agradem a todos os públicos, o fânone evidencia cada vez mais os nichos, as diferenças entre leitores e produz material específico para grupos específicos.

Ao contrário da definição dada por Fidelis e Azzari (2017) que conceituam o conceito de fânone como textos produzidos por fãs, nesta pesquisa temos uma visão distinta para o neologismo. Fundido a partir da junção dos termos cânone e fã, compreendemos que fânone não compreende apenas fanfics e outras produções feitas por fãs baseadas em um universo ficcional pré-criado por outrem, mas também muitas dessas obras que estão no seio da literatura dita de massa e que reúne uma legião de seguidores/fãs ao seu redor. Essa expansão do conceito é necessária porque as comunidades de fãs, assim como os grupos de críticos e a academia em si, elaboram seus próprios princípios de categorização responsáveis por delimitar quais obras e autores farão parte dessa coleção com mais ou menos prestígio. Enquanto o cânone olha com desprezo para muitas dessas histórias por considerá-las menores ou sem importância, outros grupos levam essas obras para um outro lugar e dão acentos valorativos distintos. Nesse sentido, o poder de definir quais coleções valem mais ou menos passa a se descentralizar, evidenciando resistência de alguns grupos de terem suas produções e práticas artísticas simplesmente diminuídas. Se ela não agrada ao cânone, pode adquirir singularidade e importância em um outro lugar para outros sujeitos.

Esse debate das coleções ganha importância nas discussões teóricas de Canclini (2015) quando ele discute o termo descolecionar. A

categoria não deve ser levada ao pé da letra e entendida como se devêssemos desapegar das nossas playlists de músicas favoritas, nos livrar da nossa estante de livros ou abrir mão de seguir copiosamente a programação das nossas séries favoritas. Na realidade, o que o conceito evoca é uma ação responsável de que se mine a noção radical de que há apenas formas específicas de obras de arte que são legítimas, enquanto outras devem se adequar para que gozem do status dessas outras “escolhidas”. Descolecionar é propiciar que cada forma de cultura construa suas formas específicas de arte e que os sujeitos possam fazer uso delas de forma livre e construir suas coleções próprias a partir de sua ação e desenrolar no mundo. Se a literatura fãnone, por exemplo, como séries de sucesso como *Harry Potter* e *Crepúsculo* fizeram tanto sucesso e foram fundamentais para aumentar as médias de leitura no Brasil, por que essa leitura deve ser considerada de segunda classe e indigna de estar nas coleções da academia, das bibliotecas e dos sujeitos leitores? Assim, ignorar as práticas de leitura que se gestam em torno dessas obras é optar por desconhecer a realidade discursiva dos sujeitos participantes e obstruir caminhos que podem fortalecer a formação de leitores.

Nesses termos, ao propor uma definição para o que seria uma literatura fãnone ou fanônica, é preciso ter o cuidado de não enquadrá-la como mera oposição ao cânone, afinal, ambos não são rivais, mas apenas diferentes. Assim, o fãnone consiste no arcabouço de literaturas pensadas para fins mais imediatos, que tratam questões sociais mais emergentes socialmente e próximas do cotidiano, sobretudo juvenil, de seu tempo. Assim, as narrativas são construídas com o intuito de promover a leitura como prática de lazer e, ao mesmo tempo, estabelecer laços de identidade, representação e alinhamentos discursivos entre personagens/tramas e leitores/consumidores.

Os próprios fãs usam diversos artifícios para determinar quais obras são as mais interessantes, bem construídas e dignas de ocupar um espaço de prestígio no fãnone, ou seja, elege-se as melhores obras e, assim como no cânone, muitas obras que surgem tendem a seguir o estilo dessa obra maior e questões por ela retratadas. E assim, ao longo do tempo, vai se mudando o estilo, as temáticas, as vozes sociais com maior predominância e assim por diante. Cânone e fãnone representam literariamente as questões de seus tempos, porém, com perspectivas e olhares distintos, promovendo olhares distintos sobre uma sociedade cada vez mais complexa e que uma só perspectiva não é capaz de observar com clareza. Tratar o fãnone e seus leitores como elementos válidos no panorama literário é permitir que essas narrativas e sujeitos sejam compreendidos pelo que são e não pelo que deixam de ser (ZILBERMAN, 1987).

Assim, a partir desse panorama, evidenciou-se o gênero *Young Adult*, enquadrado na literatura fânone, como uma nova forma de construir narrativas na contemporaneidade. Percebe-se, assim, a relevância da literatura para além de sua “beleza” estrutural, mas como artefato de libertação que pode apresentar outras maneiras de ser, além de corroer a imagem que se tem sobre os “diferentes” que circulam nos espaços sociais. Portanto, antes de evidenciar isso a partir da obra *Simon vs. a agenda homo sapiens* (ALBERTALLI, 2015), problematizaremos a relação entre jornada do herói e identidade.

A JORNADA DO HERÓI JUVENIL E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Na concepção bakhtiniana (2018), cronotopo é uma categoria responsável por evidenciar a relação tempo-espaço que fornece as condições básicas para a construção dos enunciados no mundo da vida e da arte, ou seja, são as condições materiais dadas pelo tempo em que se vive e o espaço onde se ocupa para que se possa construir linguagem. Essa categoria é essencial para o desenvolvimento das cenas na arte – seja na literatura, seja no cinema – uma vez que ela é o centro da concretização figurativa, fazendo com que os enunciados e as imagens não sejam meros construtos desconectados da realidade, mas adquiram valor ao orbitarem em um cronotopo, no qual se enchem de “carne e sangue” (BAKHTIN, 2018) e, portanto, iniciam seu caráter imagístico dentro do mundo da arte, já que tais enunciados, mais do que falas, discursos ou imagens estão constituídos de valor. Desse modo, essa categoria pode ser entendida para além de um simples plano de fundo ou contexto, compreendendo-se a fundamental relação entre espaço e tempo em que um ser (ou personagem) está situado, de modo a, combinado aos enunciados que forma, compilar ações valoradas, situadas e relacionadas a um determinado tempo que corre e um espaço que se ocupa.

Em seus estudos sobre o cronotopo e, especialmente, na sua dedicação ao estudo dessa categoria, a partir dos romances do autor alemão Goethe, fica evidente para Bakhtin (2018) uma relação estreita entre o cronotopo e a identidade. Na perspectiva do autor, os sujeitos passam por um processo de crescimento genuíno, assim suas identidades devem desenvolver-se e eles devem ser capazes de desenvolvê-la. A identidade, então, não se limita a desdobrar ou revelar o que, de certo modo, sempre esteve presente (MORSON e EMERSON, 2008), ela é, na verdade, um processo em constante acabamento. A identidade vista como definitiva e acabada, ou seja, como algo já definido e resolvido ao longo

da jornada ficcional, foi muito comum em inúmeros mitos e epopeias dos heróis gregos, haja vista que esses, mesmo com o decorrer do tempo e passando por determinados espaços, em nada alteraram seus pensamentos, suas visões e seus modos, uma vez que esse herói sempre pareceu completo e em uma jornada linear até alcançar seus objetivos. O que acontece com esse tipo de herói é um chamado para a aventura, no qual esse herói percorre lugares desconhecidos, enfrenta feras e monstros inusitados e, ao final, vence um grande desafio e retorna para a calma antes da aventura. Tudo volta ao normal e sua identidade segue intacta. Essa aventura foi esquematizada por Campbell (2007) com o intuito de detalhar essa jornada percorrida por esses sujeitos.

Figura 1 – O diagrama da jornada do herói

A aventura do herói pode ser resumida no seguinte diagrama:



Fonte: Campbell (2007). Disponível em: <<http://www.sistemico.com.br/2016/05/16/homem-mitologico-homem-sistemico/>>. Acesso em: 7 ago. 2019.

O diagrama da jornada do herói (Figura 1) é extremamente conhecido e pode ser utilizado para descrever o percurso seguido por diversos heróis da literatura ocidental e oriental – como fez Campbell (2007) ao longo da sua obra. Do mesmo modo, obras como *Harry Potter* possuem protagonistas que facilmente seguem essa jornada e seguem caminhos muito parecidos com os heróis gregos. O personagem Harry está inserido em um contexto de luta entre o bem e o mal, no qual sua identidade se define justamente pela sua aventura. Ele é o herói destinado a derrotar o grande vilão. Suas questões de adolescente, sua sexualidade e outros aspectos são diversas vezes minimizados durante a trama ou até mesmo deixadas de lado em função do foco em seu duelo eterno com seu grande inimigo. Suas paixões são desenvolvidas de forma muito rápida e superficial, suas pulsões sexuais ignoradas e o fato de ser

mestiço não ganha tanta repercussão no seu dia a dia escolar⁴. Assim, além dos aprendizados de magia, pouca coisa muda da sua figura criança para o adulto ao final da trama. Sua aventura o define, não suas reflexões de si e sobre o mundo.

Nesse tempo nada muda: o mundo permanece o mesmo; em termos biográficos, a vida dos heróis também não muda, seus sentimentos permanecem igualmente inalterados, nesse tempo tampouco as pessoas envelhecem. Esse tempo vazio não deixa vestígio em lugar algum, nenhum sinal conservado do seu curso. Trata-se, repetimos, de um hiato extratemporal, surgido entre dois momentos de uma série temporal real, neste caso, da série biográfica. (BAKHTIN, 2018, p. 21)

Ao seguir o que assevera o autor, é notória uma jornada heroica que pouco ou nada sofre interferência do tempo e espaço, uma vez que esses são minimizados da narrativa a fim de se priorizar o percurso do herói. É exatamente a sua caminhada pelos elementos propostos por Campbell (2007) que constrói a sua estrutura e identidade. Tal identidade, então, pode ser vista como acabada desde o início da jornada desse ser, visto que, antes de percorrer sua jornada, uma profecia tende a assegurar o que vai se seguir ao longo da narrativa e, ao terminá-la, o herói consegue voltar à situação inicial e percorrer os dias que lhe restam como se nada tivesse acontecido. O herói grego não lida com o acaso, tudo está escrito, e ele precisa apenas percorrer o seu destino. Nesse sentido, esse cronotopo mitológico proporciona um tempo que não penetra o herói nem lhe proporciona mudança, bem como um espaço que não faz brotar questões sociais capazes de gerar reflexão e a consequente mudança. O herói segue sua aventura, a aventura cria o movimento da narrativa, não o herói. Bakhtin observa que esse processo é completamente distinto em gêneros como o *Bildungsroman*, em que a mudança do herói é não só possível como fundamental para a jornada e

⁴ Esse fato se comprova pelo envolvimento do protagonista com duas garotas com as quais se envolve a partir da obra Harry Potter e o cálice de fogo. Inicialmente, com a personagem Cho Chang, encontros desajeitados culminam em um beijo desajeitado no livro seguinte que não tem grandes repercussões no subjetivo do protagonista. Após isso, quase sem desenvolvimento ele se relaciona com Gina Weasley, irmã do seu melhor amigo, e mais uma vez a relação se dá de forma mecanizada e sem discussões internas e descrição de pulsões típicas desse momento juvenil. Na verdade, o foco do protagonista está nos desafios de derrotar seu grande inimigo, é ele que ocupa a maioria de seus pensamentos e constrói a dualidade identitária dominante da trama: a de mocinho e vilão.

para o sentido da obra. Para Morson e Emerson (2008, p. 425), nesse tipo de narrativa,

o herói e a imagem do herói mudam, tornam-se, desenvolvem-se; além do mais, essas mudanças no próprio herói (em oposição às mudanças que meramente alteram o estatuto do herói) 'adquirem significação de enredo, e com isso o enredo inteiro do romance é reinterpretado e reconstruído'. Tais romances são sobre o modo como as pessoas desenvolvem sua identidade, de preferência a apenas revelá-la. A entelúquia já não prescreve a identidade. Em vez disso, 'o tempo é introduzido numa pessoa, entra em sua própria imagem, mudando fundamentalmente o significado de todos os aspectos de seu destino e de sua vida'.

Assim, nesse tipo de narrativa o herói não está destinado a ser reconhecido e identificado apenas pelas suas ações com o mundo externo em um dualismo simplista entre o bem e o mal. Situado em um determinado espaço e com um tempo que corre ao seu redor, esse sujeito está aberto para o mundo, onde encontra sujeitos e vozes sociais com as quais interage, reflete, absorve, repele e, conseqüentemente, se transforma na medida em que não está isolado no mundo, mas em plena atividade estética com esses discursos outros. Enquanto o intuito das obras fantásticas era construir enredos cheios de aventura que gerassem tensão e fluidez de leitura, gêneros como o *Young Adult* se preocupam muito mais com o psicológico dos protagonistas e com sua construção identitária ao longo da trama. A aventura desses sujeitos fictícios nada mais é do que uma tentativa de se encontrar e dar acabamento a si mesmo, algo impossível em uma história que não permite a mudança das personagens. É preciso evidenciar, ainda, que esse processo não se baseia em uma simples jornada de revelar algo que sempre esteve ali. Na realidade, ao longo da trajetória dessas personagens que transitam pelo cronotopo propiciado pelo *Young Adult* elas se permitem se transformar continuamente e se apresentarem apenas em caráter provisório, afinal de contas, enfrentam uma metamorfose (inacabamento) constante, que não cessa enquanto se circula pelo meio social. Imaginar que a identidade gay que se revela ou a negra que se afirma apenas revela algo que sempre esteve ali é resumir essas identidades a uma única possibilidade de performance, quando na verdade existem inúmeras formas de ser gay, de ser negro ou qualquer outra identidade.

Propor esse diálogo faz pensar sobre os próprios leitores juvenis dessas obras, os quais muitas das vezes reconhecem aspectos de si

nessas personagens e começam a construir acabamento identitária a partir delas. Na “solidão” da leitura individual, esses sujeitos iniciam um diálogo com sujeitos ficcionais e, nessa interação, intensificam um processo de mutação que já se gesta dentro deles. No espaço de seus quartos, da biblioteca escolar ou do ônibus enquanto se movimentam pela cidade, esses jovens leitores tecem sua própria identidade ao contemplarem a identidade de *outros*. A grande questão é que nem sempre esses outros são bem vistos socialmente, como bem mostrado na literatura e materializado no mundo concreto. Por isso, a exemplo de Gregor Sansa (KAFKA, 2019), que na solidão do seu quarto percebe sua própria metamorfose natural enquanto ser, essas leituras podem fazer com que cada leitor catalise o seu próprio processo com mais evidência, e a sociedade, por sua vez, guiado pelos valores morais da época, metamorfoseará esses leitores/sujeitos em criaturas monstruosas a depender do que revelem.

Portanto, a partir dessas observações sobre o cronotopo e da jornada do herói e dos leitores no momento de leitura, investigaremos a seguir como esse gênero Young Adult consegue propor uma oxigenação para a jornada do herói proposta por Campbell à medida que permite a construção de um personagem que não caminha pela narrativa para revelar algo, mas para construir quem se é, moldar e (re)moldar para só então performar não aquilo que se é, mas aquilo que se está provisoriamente.

O INACABAMENTO IDENTITÁRIO DOS CORPOS LGBTQIA+ NO YOUNG ADULT

Becky Albertalli, autora de *Simon vs. a agenda homo sapiens*, é estadunidense e formada em psicologia. Por muito tempo em sua carreira trabalhou como orientadora em um grupo de apoio para crianças e jovens com não conformidade de gênero. *Simon vs. a agenda homo sapiens* foi o seu livro de estreia, apesar de escrever desde a infância. Em entrevista recente para a Folha de São Paulo⁵, Albertalli disse que “negar acesso a livros com a temática LGBT é negar que [...] jovens vejam a si mesmos. É incredivelmente cruel e prejudicial”. A fala dela se referia ao fato que ocorreu na Bienal do Rio de Janeiro, em que o até então prefeito Marcelo Crivella mandou retirar obras com conteúdo LGBT do evento alegando que possuíam conteúdo impróprio para crianças. *Simon vs. a agenda homo sapiens* foi uma das obras esgotadas no evento após a

⁵ Link da entrevista: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/09/negar-livros-lgbt-e-negar-que-jovens-vejam-a-si-mesmos-diz-escritora.shtml> Acesso em 9 de abril de 2021.

repercussão do caso.

Na trama do livro, Simon é um adolescente como muitos outros da sua idade. O rapaz é viciado no biscoito *Oreo*, assiste a muitos filmes e séries – especialmente a sua saga favorita: *Harry Potter* – e tem alguns grandes amigos com quem gosta de conversar, ir a festas e se divertir, com destaque para Abby, Lea e Nick. A vida dele muda completamente quando um dia um perfil do *Tumblr* dedicado a espalhar fofocas da sua escola publica um texto de um possível aluno gay chamado Blue. Pela própria perspectiva de Simon, no texto,

ele falou sobre como você pode decorar os gestos de uma pessoa, mas nunca saber o que se passa na cabeça dela. E ter a sensação de que todos somos casas com aposentos enormes e janelas pequeninhas.

Sobre como você pode se sentir muito exposto, de uma forma ou de outra.

Sobre como ele se sente tão escondido e tão exposto, em relação a ser gay.

[...]

Ele falou sobre o oceano entre as pessoas. E que o objetivo de tudo é encontrar uma margem até a qual valha a pena nadar. (ALBERTALLI, 2016, p. 22).

Ao ler essa publicação, o herói postou um comentário dizendo “É ISSO” e colocou um *e-mail* falso para que Blue pudesse entrar em contato com ele para conversarem anonimamente sobre o conteúdo. A razão para isso é muito clara: Simon também é gay⁶, mas ele tenta esconder isso de todas as pessoas ao seu redor. Depois de alguns dias, Blue entra em contato com ele e ambos começam a conversar sobre diversos assuntos sem que revelem suas identidades. Esse momento parece ser o início da jornada do herói, mas, na realidade, ela só aconteceria semanas depois, quando Simon, distraidamente, deixa seu *e-mail* falso aberto na biblioteca e um rapaz da escola chamado Martin encontra os *e-mails* trocados entre ele e Blue. Martin questiona Simon sobre aquelas mensagens e diz que não tem problema que ele seja gay, mas, para que o segredo dele não

⁶ É preciso compreender que a jornada de Simon não consiste em um simples revelar quem se é, um mero sair do armário. Caso assim fosse, sua jornada seria muito similar a do herói grego, uma vez que ela serviria apenas para revelar algo que sempre esteve ali. Ora, não existe uma identidade gay única e imutável. Na realidade, é essa a imagem que as vozes conservadoras tentam criar, construindo um imaginário de que ser gay é uma identidade previamente montada e estigmatizada. Em seu contexto singular, atravessado por vários cronotopos e a partir de sua própria subjetividade e de outras identidades que o constituem, Simon segue sua jornada não para revelar algo, mas para construir uma identidade própria.

seja divulgado no *Tumblr* da escola, ele precisará arranjar um encontro entre ele e uma amiga de Simon (Abby). É nesse momento que o herói inicia a sua jornada. O seu chamado é, na verdade, quase um ultimato. O seu segredo já não é mais segredo e alguém sabe a verdade sobre ele, sua identidade como presumidamente hétero está ameaçada e pode explodir a qualquer momento, tirando-o, forçosamente, do armário.

A partir desse ponto, o rapaz não passará por uma simples aventura como muitos dos heróis gregos já descritos na seção anterior. Para Campbell (2007), o chamado da aventura simboliza a transferência do herói para uma região desconhecida. É evidente qual seria essa região para Simon: a área que se estende para além das portas do armário em que ele se esconde. Assim, sua jornada vai além de evitar que sua verdade seja contada ou descobrir a quem realmente é Blue, a jornada de Simon é deixar que sua identidade homoafetiva, até então mal construída dentro de si e escondida do mundo externo, transpareça para além das barreiras que ele construiu ao longo da sua vida. Além disso, essa jornada evidenciará que identidades como a de Simon não são bem vistas, de forma geral, pelos sistemas sociais, que parecem ter uma agenda muito restrita e limitada do que pode ser considerado normal e, conseqüentemente, aceitável. Por fim, sua jornada também evidencia o caráter fluido e mutável da identidade, uma vez que Simon sabe que é gay desde muito tempo, mas ele não sabe o resultado dessa identidade com outras questões que lhe atravessam. Ou seja, expor-se como gay não é simplesmente se enquadrar em uma caixinha como outros gays que já o fizeram antes, mas compreender que há múltiplas formas de realizar essa performance em termos discursivos e cada uma dessas possibilidades constrói identidades distintas.

É contra esse sistema estereotipado e que vai na contramão da fluidez que Simon luta. O sistema é seu grande inimigo. A sua vida só enfrenta uma crise identitária graças à *Agenda homo sapiens*, termo presente no título da obra. Esse termo faz alusão direta ao que ficou conhecido como agenda homossexual, termo pejorativo usado pela direita norte-americana para se referir às práticas que visavam naturalizar e promover o acolhimento de pessoas homossexuais. Essa agenda é apenas mais uma entre uma série de agendas que tendem a repulsar todos os corpos que carregam identidades fora do considerado normal e promovem pensamentos conflitantes nesses sujeitos que tendem a se sentirem errados, pecaminosos e sujos em relação ao grupo tido como normal (hétero, branco, cristão etc.). É exatamente esse fator que, de certa forma, desestabiliza a identidade do herói e torna mais complexa a sua jornada. Ao contrário do Harry Potter com pulsões tímidas de sexualidade, Simon percorre um caminho de tomada de consciência que lhe dá (in)acabamento no sentido de arredondá-lo e

representar verdadeiramente o processo genuíno de formação identitária juvenil.

[...] nesses processos de reconhecimento de identidades inscreve-se, ao mesmo tempo, a atribuição de diferenças. Tudo isso implica a instituição das desigualdades, de ordenamentos, de hierarquias, e está, sem dúvida, estreitamente imbricado com as redes de poder que circulam numa sociedade. [...] Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão, e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os “outros” sujeitos sociais que se tornarão “marcados”, que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. (LOURO, 2016, p. 15)

Paralelamente ao que defende Louro, fica evidente que o corpo de Simon carrega a marca do ser destoante dos demais. No entanto, por estar no armário, o rapaz ainda consegue esconder sua verdadeira pele⁷, vestindo uma outra mais aceitável e consegue se misturar na massa de iguais que o cerca. O perigo em sua jornada é exatamente o esgarçamento dessa pele protetora que já não se sustenta mais porque uma outra pessoa já sabe de seu segredo e ameaça contá-lo para outros e, não menos importante, porque suas pulsões interiores já promovem rupturas nessa pele falsa e busca um lugar ao sol. Acostumado com o conforto de se misturar aos outros, Simon terá que enfrentar as marcas que a sociedade marcará sobre si pelo simples fato de sua sexualidade não constar na norma.

Dessa maneira, evidenciaremos aqui os momentos de maior destaque de Simon ao longo de sua jornada, seguindo o diagrama de Campbell (2007) apresentado na seção anterior. Assim, partimos do chamado inicial exposto anteriormente e avançamos a seguir sobre pontos essenciais dessa jornada, como o ventre da baleia, caracterizado como o momento de atravessamento do limiar da aventura e momento em que o herói assume a responsabilidade de seguir determinada jornada. Em seguida, a iniciação, momento em que o herói enfrenta as provas e desafios com auxílio de seus amigos e, por fim, o momento final, o retorno, momento em que o herói tenta retornar para a calma que existiria antes da sua jornada.

⁷ Não no sentido de essência fundamental, novamente como se estivesse ali apenas para revelar algo. Mas uma pele que guarda as feridas de um corpo que está em constante mutação e compreensão de si, ao invés de simplesmente seguir um fluxo pré-determinado e sem conflitos na construção da própria identidade.

Assim, em um determinado momento da troca de e-mails, Simon deixa pistas de que está interessado por Blue para além da amizade que estão construindo. Como resposta, o rapaz descobre que Blue tem pensamentos sexuais com ele. “Ele gosta de me imaginar fantasiando sobre sexo!” (ALBERTALLI, 2016, p. 75-76). Ao pensar sobre isso, Simon fica excitado e acaba se masturbando pensando em Blue, ainda que não faça ideia de quem ele é fisicamente. “A língua dele está na minha boca. As mãos sobem por debaixo de minha camisa, e ele passa os dedos em meu peito. Estou quase lá. Não consigo mais segurar.” (ALBERTALLI, 2016, p. 75-76). Ao sair do ventre da baleia – ou nesse caso específico, do armário, mesmo que momentaneamente e de forma solitária – o herói compreende melhor sua sexualidade internamente e inicia o seu processo de construção de si enquanto prepara um excedente dessa identidade que, muito em breve, extrapolará seus limites internos e se materializará em sua identidade externa – seu corpo.

Para Bakhtin (2011) o acabamento de um sujeito sobre a sua própria identidade e visão de mundo só se dá na sua interação com o outro – seja o outro pessoa, pensamento, discurso ou qualquer manifestação discursiva que esteja fora do eu. Assim, esse movimento exotópico de ida ao lugar do outro e a posterior volta para si mesmo, faz com que o sujeito seja sempre provisório, na medida em que ao contemplar o mundo pelo olhar do outro e tecer relações com esse outro, ele permite se transformar em um ser novo após esse movimento de volta. Esse conteúdo resultante desse processo exotópico e alteritário, chama-se “excedente de visão” (BAKHTIN, 2011), e é o combustível que gera o inacabamento da personagem e sua possibilidade de mudança ao longo do romance.

É nesse momento de se deixar levar por seus desejos, que a máscara heterossexual de Simon, exaustivamente construída ao longo do tempo, começa a ruir e o herói começa a ser reconstruído para si mesmo e para os outros. Nessa interação com Blue que resulta em mensagens cada vez mais amorosas e sexuais, Simon entende cada vez mais quem ele é, quais são os seus desejos e os limites da sua identidade. Assim, é evidente, nesse momento, que as personagens do *Young Adult* não são dadas de forma acabada, mas extremamente transparentes e lineares, até receberem o chamado para o desafio e, ao passar por esse momento de sua jornada chamado ventre da baleia, percebem sua incompletude, indo em sua jornada à procura de acabamento dessa identidade. É esse momento o fim da primeira parte da jornada do herói e início da segunda. Ciente de que sua identidade não corresponde ao que se performava até então, o herói parte em busca de experimentar o mundo e construir, mais assertivamente, uma identidade que parece lhe caber de forma mais confortável.

Tendo cruzado o limiar, o herói caminha por uma paisagem onírica povoada por formas curiosamente fluidas e ambíguas, na qual deve sobreviver a uma sucessão de provas. Essa é a fase favorita do mito-aventura. Ela produziu uma literatura mundial plena de testes e provações miraculosos. O herói é auxiliado, de forma encoberta, pelo conselho, pelos amuletos e pelos agentes secretos do auxiliar sobrenatural que havia encontrado antes de penetrar nessa região. Ou, talvez, ele aqui descubra, pela primeira vez, que existe um poder benigno, em toda parte, que o sustenta em sua passagem sobre-humana. (CAMPBELL, 2007, p. 102).

O momento da iniciação é, a partir das palavras de Campbell (2007), o momento decisivo em que o herói passará por uma sucessão de provas que o separam do seu destino final. É nesse momento em que, nas narrativas clássicas, monstros, demônios e criaturas sobrenaturais ou extremamente fortes aparecem para encontrar o herói e realizar os grandes embates. No meio dessas batalhas, ele contará com a ajuda e o apoio que ele adquiriu no primeiro momento da sua jornada, e é essa ajuda que o sustentará em seus momentos de maior dificuldade. No caso de Simon, seus demônios são justamente o medo da rejeição e de que sua realidade mude após ele assumir para os outros quem realmente é. Além disso, também há o temor de como os pais irão reagir, pois ele teme que mesmo que eles sejam progressistas, a situação seja estranha e mude para sempre a relação entre eles. E, claro, além desses medos, há o receio de que Martin revele para todos quem ele é antes da hora e isso faça seus amigos e Blue se afastarem, sem que ele ao menos saiba quem é o seu correspondente. No meio desses dilemas, o personagem enfrenta seu primeiro desafio, sair do armário para uma de suas amigas. E, para sua surpresa, ela não manifesta uma grande reação. Apenas fica feliz por ele ter contado.

Nesse momento, Abby dá o olhar do outro, o olhar que enxerga de fora esse corpo em que a identidade homoafetiva começa a esgaçar uma identidade falsamente construída para se camuflar e não o enxerga como monstruoso, mas como um brotar identitário válido e natural. A reação da amiga choca Simon por não vir carregada de surpresa, exasperação ou qualquer questionamento. Abby o aceita e pronto. Simon, ao se chocar com tal reação, começa, então, a resignificar a si mesmo, afinal, muitos dos seus temores sobre o que os amigos pensariam estavam apenas na sua cabeça atordoada por ter escutado tantas violências simbólicas e físicas a quem demonstrava ser homoafetivo. Diante disso, Abby não só foi sua benção como também a possibilidade de fazer com que ele consiga se abrir para os outros. Mas antes que ele consiga fazer isso, Martin divulga no *Tumblr* de fofocas o grande segred

o de Simon fingindo, inclusive, que o próprio personagem fez essa publicação.

24 de dezembro, 10:15

CONVITE ABERTO DE SIMON SPIER A TODOS OS GAROTOS

Queridos rapazes de Creekwood,

Com esta missiva, declaro que sou completamente gay e estou aberto para negócios. Os interessados podem fazer contato direto comigo para discutir lanos de sexo anal pelo cu. Ou bluequete. Mas não me façam ter dor nos ovos. Garotas não precisam se candidatar. Isso é tudo. (ALBERTALLI, 2016, p. 142).

Nesse momento da narrativa, acontece a exposição de Simon. Privado de escolher quando, onde, como e para quem, Simon tem tirado de si o momento da saída do armário e é exposto como corpo diferente dos demais. Ao analisar o realismo grotesco em Rabelais, Bakhtin (2010) lida com personagens de aparências assombrosas, em que momentos como comer, defecar, urinar, transar e outros relativos à intimidade ganham destaque e significação para a obra. Esses elementos, basilares para a construção do realismo grotesco, revelam aspectos importantes da sociedade higienista da época, que tinham sua hipocrisia e intimidade expostas nessas figuras grotescas. A questão do grotesco aparece nessas tramas do *Young Adult* de uma outra forma, afinal, no mundo moderno, sujeitos que fogem a norma precisam ser rotulados – ou marcados – para que se evidencie socialmente sua diferença e os sujeitos ditos normais façam os dissidentes se sentirem como algo a parte e, talvez, fazer com que os diferentes se adequem ou deixem de integrar o local em que não se encaixam.

[...] grupos precisam manter seus membros unidos dentro de fronteiras e proteger-se contra os inimigos externos. A harmonia interna depende de uma percepção coletiva da realidade, sinalizando àqueles que a compartilham que “as coisas são assim” e não de outra maneira e “é assim que fazemos as coisas por aqui”. Qualquer transgressão das fronteiras ou limites estabelecidos pelo grupo, quer sejam abstratos ou concretos, causa desconforto e requer que o mundo retorne ao estado considerado certo. O monstro é um artifício para rotular as infrações desses limites sociais. (JEHA, 2009, p. 19)

Nessa perspectiva, Simon investiu muito em uma identidade heteronormativa e foi aceito por ela. É preciso compreender que, entre os sujeitos, “ainda que nem sempre de forma evidente e consciente, há um investimento continuado e produtivo dos próprios sujeitos na determinação de suas formas de ser ou ‘jeitos de viver’ sua sexualidade e seu gênero” (LOURO, 2016, p. 25). Até então, Simon investiu todo o seu tempo na construção de uma identidade hétero que lhe servia de escudo, mas não representava de fato a mutação que estava sofrendo.

Então, encarar uma nova que, mais do que o desafio do novo traz o fardo de ser uma faceta tida como grotesca e monstruosa, torna a jornada do personagem muito mais complicada. Logo, a partir do momento em que é tirado do armário, esse frágil exoesqueleto fabricado rui e sua face “vil” aparece diante dos outros. O Simon que tinha saído do *ventre da baleia* como um novo ser era diferente para si mesmo, contudo, ainda não para os outros. O Simon, após essa retirada à força do armário, é novo agora para o mundo, já não há paredes de armário que o protejam, ele está em sua totalidade exposto às luzes do mundo da vida.

Uma vez exposto, Simon decide revelar sua forma original para os seus pais e amigos. Apesar de todos aceitarem bem, o rapaz sente como se sua realidade estivesse estranha. Isso é esperado, afinal, Simon ainda não sabe como é ser ele mesmo em um mundo que ele fingiu por muito tempo ser algo diferente. Mas, aos poucos, ele vai construindo inteligibilidade para si e construindo essa nova identidade que é mais coerente com seus sentimentos e suas pulsões. Como é de se esperar, essa nova realidade também traz novos desafios materializados com piadinhas e comentários de mau gosto de alguns alunos da escola acerca da identidade do rapaz. Assim, o que parecia estar se encaminhando para um retorno à situação inicial e um fim de jornada, mostra-se algo quase impossível. Isso porque Simon agora é publicamente gay e afirmar-se dessa forma é se submeter a diversas forças de contenção que tentaram jogá-lo, mais uma vez, no armário, ou pelo menos em um estereótipo que se espera de alguém que se diz gay. Isso se complica ainda mais quando, ao final da narrativa, ele finalmente descobre quem é Blue e os dois começam a namorar, afinal, isso reforça ainda mais sua identidade homoafetiva. Dessa forma, essa afirmação identitária que aconteceu ao longo da jornada condena Simon a viver, eternamente, em uma jornada. Manter sua identidade na sociedade atual é um desafio enquanto discursos que invalidam essa identidade circularem, assim, a única chance de voltar para uma situação harmônica e sem desafios é retornar para o armário que ele saiu. Sua jornada é, portanto, assim como sua identidade, inacabada. O sujeito começou a narrativa tentando entender quem era e como construir essa identidade e permanecerá, mesmo após

o fim do livro, em processo de construção identitária, já que o sentido da sua identidade conflita com muitos discursos sociais. Assim, como evidenciado no esquema abaixo, a única possibilidade de término da jornada é se o personagem optar em voltar para o armário que habitava outrora. Não sendo isso, seu cotidiano será marcado por lutas e afirmações que mantenham a envergadura de sua identidade homoafetiva.

Figura 2 – O diagrama da jornada do herói



Fonte: SILVA (2020). Disponível em:
<<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/30693>>.
Acesso em: 7 mar. 2021.

Essa jornada, por fim, difere completamente da jornada de Harry Potter, por exemplo, que ao destruir seu grande inimigo, casa-se e vive uma vida tranquila sem mais preocupações. Simon tem sua volta à situação inicial impossibilitada pelas vozes sociais do mundo da vida, que se negam a aceitar determinadas identidades como naturais, uma forma de implantar uma agenda homo sapiens, uma agenda normativa que tem ojeriza ao que foge dos padrões.

Logo, é justamente essa jornada de formação identitária na juventude e os embates de jovens com vozes dominantes que oprimem suas possibilidades de ser que o gênero *Young Adult* promove uma gigantesca atração entre jovens. É mais do que uma aventura fantástica, é uma aventura pela construção de si que os sujeitos juvenis do mundo real também passam e encontram, nas páginas dos livros, relatos e histórias que muitas vezes são apagados do seu contexto mais imediato e, por meio da arte, conseguem ter acesso a essas tramas e materializarem, a partir de outros jovens ficcionais, o acabamento para suas próprias identidades. Por fim, vale lembrar que são justamente as

obras situadas dentro do fãnone que propiciam com maior agilidade e linguagem apropriada ao público esse tipo de narrativa. Explica-se, então, a formação de toda a legião de fãs por essas obras. Mais do que narrativas de entretenimento ou uma relação de identificação, há um processo muito maior de formação e inacabamento identitário acontecendo entre personagens ficcionais e sujeitos reais, o qual faz extrapolar as relações discursivas do processo de leitura, fazendo a literatura adquirir um *papel mutante* de acolhimento aos diferentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, é perceptível como a leitura se fortaleceu neste século, encontrando novos caminhos e formas de veiculação e, com isso, atraindo um novo público. A literatura fãnone, decorrente desse processo, coleciona uma variedade de obras, leitores e fenômenos discursivos que carecem de pesquisas, dado o seu alto poder de circulação, de formação de leitores e, sobretudo, de evidenciar adaptações e hibridismos que a literatura passa para aprofundar a representação identitária de diversos sujeitos e grupos sociais. O estudo do conteúdo e da forma das obras que compõem esse movimento pode trazer respostas e mais perguntas sobre grande parcela dos sujeitos juvenis.

Por outro lado, é evidente que muitos dos sucessos advindos desse tipo de literatura fãnone fisgaram o sucesso por apresentar mundos fantásticos e distópicos com diversas novidades e atrativos para os seus leitores, no entanto, recentemente, são as ficções com uma alta dose de realidade que tem fisgado os leitores e construído narrativas tidas como favoritas por muitos sujeitos juvenis. Não por acaso, muitas dessas os colocam como protagonistas e retratam muitos de seus dilemas e questões identitárias. A arte tem servido como espelho dos sujeitos e da sociedade há séculos, esse papel ganha especial singularidade por ser a arte, para muitos jovens, o único espaço em que eles conseguem visualizar sujeitos e questões que em suas casas são tabus e, em seu interior, protótipos de quem realmente são.

A literatura juvenil, portanto, tem sido mais do que formas de entretenimento para os sujeitos, mas um aliado para a construção da coesão de quem são e de coerência acerca do mundo que os cerca. Logo, o *Young Adult* tem uma tremenda afinidade com as identidades marginalizadas e serve de acolhimento para muitos leitores que, em seu processo juvenil de metamorfose, ainda não compreendem suas pulsões internas ou que não podem performar quem são no espaço que habitam. Assim como na literatura, o mundo da vida precisa de mutações que permitam a livre circulação desses sujeitos.

REFERÊNCIAS

ALBERTALLI, B. **Simon vs. a agenda homo sapiens**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

BAKHTIN, M. **Cultura popular na idade média e no renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

_____. **Teoria do romance II**: as formas do tempo e do cronotopo. São Paulo: Editora 34, 2018.

CAMPBELL, J. O herói de mil faces. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2007.

COLLINS, S. Jogos Vorazes. Rio de Janeiro: Rocco, 2008

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*,

n. 24, p. 40-52, set./out./nov./dez. 2003.

FIDELIS, A. C. S.; AZZARI, E. F. Literatura, ciberliteratura e a formação de alunos-leitores: diálogos com o cânone e a ficção de fãs. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 26, n. 53, 15 jan. 2017.

GARCÍA CANCLINI, N. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2015.

GREEN, J. **A culpa é das estrelas**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

JEHA, J. Das origens do mal: a curiosidade em Frankenstein. In: JEHA, J. (Org.). **Da Fabricação de monstros**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

JENKINS, H. **Invasores do texto**: fãs e cultura. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial, 2015.

KAFKA, F. **A metamorfose**. Rio de Janeiro: Editora Antofágica, 2019.

LOURO, G. L. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016a.

MEYER, S. **Crepúsculo**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008a.

MORSON, G.; EMERSON, C. **Mikhail Bakhtin**: criação de uma prosaística. São Paulo: Edusp, 2008.

PAES, J. P. As dimensões da aventura. In: ZILBERMAN, R. (org.). **Os**

preferidos do público: os gêneros da literatura de massa.

Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1987.

PERRONE-MOISÉS, L. **Mutações da literatura no século XXI.** São Paulo: Cia das Letras, 2016.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a pedra filosofal.** Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SILVA, J. S. **A jornada do herói inacabado no Young Adult: embates dialógicos entre sujeitos juvenis e personagens ficcionais contra a Agenda Homo Sapiens.** Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 185p, 2020.

ZILBERMAN, R. Quem se importa com os gêneros da literatura de massa? In: _____ (org.). **Os preferidos do pú**

SUBMETIDO EM: 28/10/2022

ACEITE EM: 11/12/2021